

A MODERNA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL E SEUS ASPECTOS METODOLÓGICOS

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA

Ao falecer de maneira inesperada, em agosto de 1955, o prof. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA — nosso inesquecível companheiro e amigo — deixou escrito o presente artigo, de há muito prometido para o Boletim Paulista de Geografia. Constitui sua última mensagem, sua derradeira lição aos seus inúmeros alunos, colegas e admiradores. Representa um conselho fraternal e uma crítica amiga, externados com aquela elegância de atitude que sempre caracterizou seu espírito de escol. Significa uma delicada, mas, ao mesmo tempo, séria e oportuníssima advertência à moderna geração de geógrafos brasileiros. Uma página de Mestre, digna de ser lida com a mais viva atenção e merecedora de profunda meditação.

Fase moderna da Geografia no Brasil. — É fora de dúvida que a fase moderna da Geografia no Brasil se iniciou com a fundação, em 1934, na cidade de São Paulo, dos *cursos de Geografia* em nível superior, desenvolvendo-se no Rio de Janeiro, a partir de 1937, com a criação do *Conselho Nacional de Geografia* .

Ao movimento de renovação e de estabelecimento de novas bases para as observações e estudos geográficos ligaram-se diversos especialistas estrangeiros, aos quais se devem, nas Faculdades de São Paulo e do Rio de Janeiro, a transmissão da cultura geográfica moderna, bem assim a indispensável orientação científica nos métodos de pesquisa. Além disso, todos esses especialistas — franceses, alemães e norte-americanos — possibilitaram, por via direta, o conhecimento das normas e rumos seguidos por diferentes escolas.

Não obstante, dentro dos seus objetivos, e atendendo às condições peculiares com que foi fundado e estruturado, o *Conselho Nacional de Geografia* cuidou, no campo profissional propriamente dito, de organizar cursos especializados para seus técnicos, chamando para ministrá-los mestres, recrutados na França, Estados Unidos, Canadá e Alemanha. Concomitantemente, mais longe foi o Conselho ao enviar muitos de seus profissionais aos mais adianta-

dos centros da cultura geográfica mundial, onde levaram a cabo estudos de aperfeiçoamento, alguns dos quais obedientes a programas prévios, traçados segundo os interesses diretos da administração. O objetivo em mira consistiu, e parece ainda consistir, em se observarem métodos e técnicas com o propósito de sua possível aplicação ao Brasil, atendidas as condições geográficas e econômicas peculiares do país.

Dessa maneira, e considerando, ainda, o grande desenvolvimento já alcançado pelos estudos geográficos em nível universitário, sobretudo em São Paulo, é de se esperar que venha a surgir no Brasil, em tempo relativamente curto, se não uma *Escola*, pelo menos uma *modalidade brasileira* de tratar os assuntos geográficos e cartográficos, máxime no que tange àqueles concernentes às regiões tropicais.

A fase moderna incorporou-se, por outro lado, um certo número de estudiosos, quer seguindo as vias tortuosas de um autodidatismo compreensível, quer aprimorando os seus conhecimentos e suas técnicas de trabalho ao ensejo, muitas vezes, das originais Assembléias da *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, ou no contato com suas eficientes Seções Regionais.

Centros mais importantes da produção atual. Objetivo do presente ensaio. — Decorridos os primeiros vinte anos do início da aprendizagem e da adaptação dos novos métodos ao país, parece oportuno balancear-se, criticamente, a produção geográfica, sobretudo a dos últimos anos, já livre, portanto, da tutela dos mestres estrangeiros.

Como assimilaram os novos geógrafos os ensinamentos de seus mestres? Em que sentido vêm atuando êsses geógrafos no campo de suas respectivas especializações? Que inovações porventura já criaram no domínio da metodologia ou no da interpretação global de suas análises sobre o terreno? Quais os frutos de seus estudos já publicados? Quais as características gerais da produção atual? Quais os problemas metodológicos surgidos na apresentação dos seus trabalhos?

Para responder a tôdas essas questões, os limites de um só artigo seriam demasiadamente acanhados. Contudo, diga-se, de passagem, que a maior produção, de características modernas, promana, em rigor, de quatro centros principais, que são: a *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, o *Conselho Nacional de Geografia*, a *Faculdade Nacional de Filosofia* e a *Faculdade de Filosofia do Recife*. Atuando cada um dêles numa direção preferencial, todos obedecem, porém, em maior ou

menor grau, aos fundamentos metodológicos da ciência geográfica. Todavia, a produção de muitos autores se ressentem, por infelicidade, de senões, defeitos e erros metodológicos, sobretudo quanto à forma e ao modo da apresentação dos trabalhos ao público especializado.

Apontar tais erros, senões e defeitos, é o que se procurará fazer no presente artigo. Longe de seus reparos críticos e considerações significarem uma negação dos valores positivos da moderna produção, eles, pelo contrário, "agebeanamente" visam estimular os autores, sobretudo os mais jovens e os mais inexperientes. Sem dúvida, a maior parte da produção atual, do ponto de vista da técnica das pesquisas de campo e de gabinete, bem assim do da originalidade dos assuntos tratados, expressa uma real contribuição ao melhor conhecimento da Geografia do país. Esse aspecto estará, porém, fora das cogitações do trabalho ora divulgado. Seu propósito fundamental cifra-se à focalização de alguns aspectos da moderna produção geográfica brasileira em face de sua apresentação ao público e sujeita, portanto, às reflexões da crítica construtiva. Por isso mesmo, o objetivo em vista consiste em focalizar e expor os assuntos à luz das lições e doutrinas de reconhecidos especialistas, integrantes de distintas escolas geográficas, ou nascidos em diferentes países do globo. Acredita-se que, curvando-se à evidência dos fatos e à exposição da crítica documentada e impessoal, os autores nada terão a perder e muito poderão ganhar. Além disso, a prática das boas regras metodológicas terá o mérito de contribuir para que seus trabalhos venham, desde logo, a inspirar confiança também quanto à seriedade das pesquisas que lhes serviram de base.

Reparo à margem de um senão imperdoável. — Infelizmente, uma grande falta de apuro, sobretudo em matéria de *metodologia* e de *linguagem*, ainda se pode verificar na apresentação de um considerável número de trabalhos dados a público, no Brasil, nesses últimos vinte anos.

Trata-se de um senão imperdoável, principalmente depois que se implantaram, no país, cursos de Geografia em nível superior.

A responsabilidade desse aspecto negativo da produção atual, quase toda levada a efeito por egressos de Faculdades onde se ministram cursos de Geografia superior, recai, sem dúvida, em maior grau, no modo como se estruturaram e se executam os cursos de formação geográfica.

Em tais cursos, por exemplo, os temas e questões de metodologia são tratados tendo em vista precipuamente o *ensino* e não a

Geografia em si mesma, com seus métodos científicos de *pesquisa*; ou, melhor, nêles não se estuda, de maneira ativa e eficiente, a *metodologia da ciência geográfica*, mas, sim, a *metodologia do ensino da Geografia*, que é coisa diversa.

Sem dúvida, a última é muito necessária para o preparo dos futuros professores. Mas é preciso não esquecer que o alcance daquela metodologia do ensino, para ser realmente grande, depende, na prática, do conhecimento, da boa assimilação que os professores tiverem acerca do objeto da Geografia e, também, da sua segurança quanto aos procesos de pesquisa e às normas de exposição peculiares à ciência geográfica.

No caso específico dos geógrafos, nunca é demais insistir no fato de que não basta a alguém ter aprendido nas Faculdades os princípios do método geográfico, porque, conforme ressaltou EMM. DE MARTONNE, "importa bem compreender que o verdadeiro geógrafo deve tê-los todos os três constantemente diante dos olhos". (1).

Por tudo isso, as Faculdades deveriam, "data venia", exigir dos estudantes, e com a máxima energia possível, não apenas a conveniente aplicação dos princípios do método geográfico, mas, outrossim, o respeito pelas regras a seguir na elaboração e redação de um trabalho destinado à leitura dos geógrafos e outros especialistas.

Sobretudo nas produções de caráter regional, a exigência é de todo indispensável. Por outro lado, também é necessário que se dê maior ênfase ao correto emprêgo da terminologia científica.

Dever do geógrafo em face do espírito explicativo da Geografia moderna. Verbalismo comprometedor — Não seria exigir demais. Basta recordar-se o que lembrou WILLIAM MORRIS DAVIS, já no segundo decênio do século atual, ao insistir sobre o dever do geógrafo em face do espírito explicativo da Geografia moderna:

... "o dever do geógrafo não se limita ao conhecimento dos fatos geográficos para seu uso particular";... "seu dever se estende até saber apresentar os fatos a outros geógrafos de modo exato e saber compreender, êle próprio, os fatos apresentados de maneira exata pelos seus confrades" (2).

Três decênios depois, André Cholley, focalizando os defeitos que, às vezes, tornam difíceis aos estudantes a sua iniciação no mé-

(1) MARTONNE (Emm.de), *Traité de Géographie Physique*, Tomo I, pág. 23.

(2) DAVIS (W.M.), *O espírito explicativo da Geografia moderna*, em "Boletim Geográfico", n.º 24, pág. 1858.

todo geográfico, apontou, como tais, o abuso do verbalismo, a ignorância do próprio objeto e método da Geografia e, finalmente, a falta de suficiente preparo em matéria de Cartografia (3). Ao verbalismo atribuiu o emprêgo frequente, por exemplo, de termos de *estrutura* com o sentido de termos de *relêvo*, constituindo essa barafunda a mais significativa confusão nos domínios da Geografia Física. De maneira análoga, pôde observar, em Geografia Humana, a aplicação errônea de expressões que, de modo baralhado, aparecem como se fossem sinônimas: *formas de atividade* em lugar de *modos de vida*, *formas de exploração* exprimindo *sistemas de cultura*, e vice-versa.

Em 1912, defendendo a superioridade da descrição explicativa sobre a descrição empírica, DAVIS escreveu:

“Essas imagens de elementos morfológicos que um geógrafo de campo possui, com suas denominações, constituem, poderíamos dizer, sua bagagem ou seu aparelhamento mental. É evidente que o explorador melhor aparelhado para a sua tarefa de exploração será aquele que detiver aparelhagem mais vasta, mais capaz de fornecer imagens para todas as espécies de elementos geográficos nas paisagens desconhecidas que ele atravessar. Se passarmos para o caso dos geógrafos de gabinete, veremos que eles não compreenderão os relatórios dos geógrafos de campo, a não ser que ambos — leitores e exploradores — possuam o mesmo aparelhamento mental. Se um leitor concebesse uma depressão quando lê o termo “colina” e uma convexidade quando lê o termo “vale”, sua idéia da paisagem percorrida pelo explorador seria uma deturpação da verdade” (4).

Em 1942 e, mais tarde, em 1950, como que retomando, mas num outro sentido, o tema de Davis, condenou ANDRÉ CHOLLEY o emprêgo de palavras não compreendidas pelos estudantes universitários, confessando, ainda, que o conhecimento destes não ia além de um simples verbalismo:

“Os termos de que se servem não se apoiam sobre qualquer fato preciso. Certamente viram vales, cumes, terrenos cultivados nas regiões percorridas; jamais, porém, os analisaram, sendo incapazes de defini-los corretamente. Muitas vezes, lança-se a culpa sobre a terminologia geográfica, da qual se condena a abstração demasiadamente grande. Seja qual for o pensamento que se possa ter, o vocabulário não é mais abstrato que o vocabulário da História. O emprêgo dos termos abstratos é de resto uma necessidade: a generalização é um ato normal do pensamento. As pessoas que têm o vocabulário mais pobre são aquelas que não estão habituadas a cristalizar suas observações em termos abstratos. Mas este ato essencial necessita de uma

(3) CHOLLEY (André), *La Géographie-Guide de l'étudiant*, págs. 1 a 5.

(4) DAVIS (W.M.). *Op. cit.*, pág. 1859.

iniciação progressiva, que deve ser regulada minuciosamente em Geografia, como no ensino da língua francesa" (5).

A tarefa do geógrafo. Redação: exigência básica. A "microgeográficomania". — Assinale-se, de início, que considerável parte da produção atual brasileira não atende ao que DAVIS chamou de "o dever do geógrafo" e pouco evita o "simples verbalismo" condenado por CHOLLEY. Em suas apresentações, os autores parecem desprovidos de um "equipamento mental" capaz de lhes permitir enfrentar com sucesso a delicada tarefa da descrição geográfica explicativa. "Mentalmente desaparelhados", como diria DAVIS, nem sempre apresentam, em condições satisfatórias, uma *síntese geográfica*, a qual, como advertiu UMBERTO TOSCHI (6), não é uma *construção mecânica*, arbitrária, da realidade, mas, sim, uma *reconstrução científica* da mesma. Nisso reside, para o mestre de Bari, a missão singular do geógrafo:

"O que a Geografia estuda são as realidades sintéticas, existentes de per si, como tais, e que o geógrafo é chamado a reconhecer, reconstruir, e não a construir ou criar a seu capricho. Logo *sentir* tais realidades sintéticas, estudá-las, exprimi-las é a sua tarefa específica" (7).

A pressa, ou o desejo de apresentar ao público suas contribuições geográficas, tem levado muitos estudantes, até depois de formados, a lançar trabalhos temporões e metodologicamente falhos, permitindo, assim, a suspeita de que a cultura geográfica do Brasil atual não seja tão sólida quanto seria de esperar. Erros de terminologia, imprecisão de conceitos, digressões inseguras em seara alheia, falta de cultura geral, tudo isso pode ser verificado, sem dificuldade, em um grande número de estudos publicados nos últimos anos.

Qualquer pesquisa lançada a público, além de convenientemente preparada através de trabalhos de campo e de gabinete, deveria vir muito bem apresentada e geograficamente bem transmitida. No caso da exposição escrita dos resultados, é de se concluir que não se deva relegar, para um plano inferior, o aspecto primordial da *redação* em Geografia. Esta é uma exigência básica, como se demonstrará e, em nosso país, ela implica obviamente no conhecimento da língua portuguesa. Dessa maneira, somente depois de atendidos todos os aspectos julgados fundamentais pelos especialistas, será possível firmar-se, sem a consideração de atenuantes, um justo cri-

(5) CHOLLEY (André), *Op. cit.*, pág. 3.

(6) TOSCHI (Umberto), *Corso di Geografia Economica Generale*, pág. 13.

(7) TOSCHI (Umberto), *Op. cit.*, págs. 13 e 14.

ticismo de considerável parte da produção e das coisas produzidas em nosso âmbito geográfico.

Há, porém, mais uma observação preliminar a fazer. Cifra-se à quantidade de pormenores, de temas particularíssimos escolhidos por vários autores para objeto de seus estudos. Uma espécie de *microgeografomania* parece perseguir a muitos, mania perigosa, porisso que ela constitui o alvo de discussões críticas, pró ou contra, e sôbre as quais, na impossibilidade de uma embora breve exposição neste trabalho, se relembra uma parte da vasta literatura devida a VIDAL DE LA BLACHE, CAMILLE VALLAUX, ANDRÉ ALIIX, ALBERT DEMANGEON, ROBERT PLATT, PRESTON JAMES, GOTTFRIED PFEIFER, JOHN LEIGHLY, VERNOR FINCH, RICHARD HARTSHORNE (8). Ressalte-se que as expressões críticas, nessa querêla, são às vezes candentes, como se verifica na seguinte passagem de CAMILLE VALLAUX:

“Os espíritos circunspectos que, por imitação quer da História, quer das ciências naturais, consagram inteiramente a Geografia às pesquisas de detalhes multiplicados ao infinito e às dissecações repetidas e diminuídas da realidade, mostram que nada entendem do objeto da moderna Geografia e que não se encontram penetrados de seu espírito” (9).

As razões evocadas por VALLAUX são praticamente as mesmas que RICHARD HARTSHORNE apresentou ao finalizar seus comentários sôbre a “microgeografia” e o problema do tamanho de suas áreas mínimas de estudo:

“... o pesquisador que apresenta um estudo de uma pequena área sem importância em si mesma, precisa considerar que o propósito não é apresentar a área em si mesma, mas fornecer uma acurada ilustração do caráter representativo de uma região maior, suficientemente grande para permitir semelhante estudo intensivo. Enquanto mentalmente conservar este maior designio, não haverá fundamento aparente sôbre o qual devamos prescrever o tamanho mínimo da área que pode ser estudada” (10).

Dentro dos pontos de vista exarados, não seria custoso seleccionar, entre nós, vários trabalhos que dêles se afastam sem atender, porém, às exigências e justificações dos paladinos do chamado “microscopic method”, ao qual criticou GOTTFRIED PFEIFER, quando, em 1938, na Alemanha, analisou o desenvolvimento e as tendências da

(8) HARTSHORNE (Richard), *The Nature of Geography*, em “Annals of the Association of American Geographers”, Vol. XXIX, n.º 3 e 4, págs. 628 a 632.

(9) VALLAUX (Camille), *Les Sciences Géographiques*, pág. 59.

(10) HARTSHORNE (Richard), Op. cit., pág. 632.

Geografia nos Estados Unidos em face à teoria e métodos da Geografia Regional (11).

Problemas de método e de redação. A descrição geográfica no consenso universal — O aspecto primordial da redação em Geografia tem sido focalizado por eminentes mestres, apesar destes reconhecerem que um geógrafo tem de enfrentar dificuldades para exprimir de modo correto, sintática e metodologicamente, as suas concepções intelectuais, por escrito.

Já em 1902, no Prefácio dessa obra prima, que é o seu estudo sobre a Valáquia, EMMANUEL DE MARTONNE, efetivamente, focalizava os obstáculos na descrição geográfica, sobretudo em Geografia Regional:

“Se todos os ramos da Geografia Geral podem e devem ser encarados como de puras ciências, não se poderia dizer o mesmo da Geografia Regional. Pela complexidade dos fatos que ela visa, por seu objeto, que é exprimir a própria vida, pelas dificuldades quase insolúveis que oferece na exposição, ela exige daquele que a queira tentar mais que o espírito científico, um pouco desse espírito de “finesse” de que falava Pascal. E a quer, na execução, um certo sentimento de arte” (12).

Poucos anos depois, em 1913, PAUL VIDAL DE LA BLACHE, numa conferência sobre os caracteres distintivos da Geografia, além de afirmar que “a descrição geográfica deve ser flexível e variada como seu próprio objeto” (13), fixou-lhe o traço fisionômico próprio:

“Pode-se julgar, pelo que acaba de ser dito, qual o papel capital que a descrição desempenha em tudo isso. A Geografia se distingue como ciência essencialmente descritiva. Não seguramente que ela renuncie à explicação: o estudo das relações dos fenômenos, do seu encadeamento e de sua evolução, são também caminhos que conduzem até ela. Mas este objeto mesmo a obriga, mais que toda outra ciência, a seguir minuciosamente o método descritivo” (14).

Quando JEAN BRUNHES, na quarta edição de sua “A Geografia Humana”, lançada em 1934, tratando do espírito geográfico, focalizou o problema da adaptação humana às condições geográficas, repetiu a mesma orientação:

(11) PFRIFER (Gottfried), *Entwicklungstendenzen in Theorie und Methode der regionalen Geographie in den Vereinigten Staaten nach dem Kriege*, em “Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin”, Hef 3/4, pág. 117.

(12) MARTONNE (Emm. de), *La Valachie-Essai de monographie géographique*, pág. XIV.

(13) BLACHE (Paul Vidal de La), *Des caractères distinctifs de la Géographie*, em “Annales de Géographie”, Ano XXII, n.º 124, pág. 298.

(14) BLACHE (Paul Vidal de La), *Op. cit.*, pág. 297.

“A Geografia deve ser cada vez mais uma *descrição explicativa* da superfície do globo, — sim, *explicativa* por certo —, mas, a pesar disso e, sobretudo, uma *descrição*. Mesmo quando em presença de fatos de Geografia Física ou de Geografia Humana, a *explicação* não venha a ser decisiva nem completa, a *descrição* pode, e deve, ser rigorosamente precisa” (15).

A direção é uma só entre os franceses, cuja influência sobre a Geografia do Brasil nos é tão cara. Sem ser necessário transcrever ALBERT DEMANGEON, discípulo e sucessor de Vidal de La Blache na chefia da Escola Francêsa, convém, contudo, reproduzir a idéia de MAX. SORRE, o qual, em 1948, num artigo para os “Cahiers Internationaux de Sociologie”, assim a sintetizou:

“Geografia é descrição — corografia, dizia Michotte —, mas descrição explicativa. O dado é comum a todas as ciências da natureza e do homem: o ponto de vista original” (16).

Ainda na Europa, a mesma idéia foi e tem sido defendida pelos especialistas de língua alemã. Um deles, FRANZ SCHNASS, na quarta década do século atual, assim expôs seu ponto de vista:

“A Geografia como descrição não deve ser admitida se como tal se compreende descrição meramente objetiva. A descrição se entende como interpretação consciente do que se descreve. Isso pressupõe o conhecimento do descrito. E, no caso geográfico, todo conhecimento o é sobre base científica, embora alguns, com Fwald Brancs, refutem à Geografia tal caráter, atribuindo-lhe tão somente a condição de arte enquanto descreve o que existe. Mas se admite universalmente que tudo o que é visível em terras e mares é objetivo inalienável de investigação. Todo fato geográfico visto, observado e descrito, tem que ficar explicado, delimitado analiticamente. E se o teórico se satisfaz com uma representação analítica, o geógrafo, movido por fibra artística, tem necessidade de uma ampla margem de liberdade na estruturação e no modo de exposição e até de expressão verbal; mas obedecendo em todo caso à Ciência” (17).

Após curta discussão sobre as relações da geografia geral com a geografia especial, SCHNASS acrescentou, a respeito desta:

“A citada Geografia Especial representa para o expositor uma tarefa difícilíssima caso se deseje que as manifestações heterogêneas de uma região apareçam fundidas em uma característica global e iluminada causalisticamente e que, além de verdadeira no conteúdo, seja bela na forma” (18).

(15) BRUXHES (Jean), *La Géographie Humaine*, II, págs. 913 e 914.

(16) SORRE (Max.), *Fondements de la Géographie Humaine*, em “Cahiers Internationaux de Sociologie”, Première Série, Cinquième Cahier, pag. 21 — Paris, 1948.

(17) SCHNASS (Franz) e RUDÉ (Adolf), *Enseñanza de la Geografía, Enseñanza de la Historia y Educación Cívica*, págs. 24 e 25.

(18) SCHNASS (Franz) e RUDÉ (Adolf), *Op. cit.*, pag. 25.

Enfim, tôda essa questão de método e de boa redação em Geografia não constitúi, como poderia parecer a muitos, apanágio dos geógrafos europeus, sobretudo latinos, particularmente franceses. Além de outros já mencionados, ISALAH BOWMAN, em 1934, nos Estados Unidos, bateu-se no estudo do que chamou da "fenomenologia da terra", por "precisa e disciplinada descrição e explicação", (19) reconhecendo, entretanto, que a explicação geográfica nem sempre se torna possível. Esta circunstância, porém, não lhe impediu de considerar, como um dos objetivos da Geografia, justamente a descrição, plasmada nos preceitos que recomendou.

Nesse mesmo ano, VERNOR C. FINCH, apesar de sua sisudês fleugmática e inegável valor como cientista e metodólogo, tocou no mesmo e delicado aspecto da descrição regional, quando tratou das estruturas escritas para a apresentação da Geografia de regiões:

"Expressamos a esperança de que as estruturas escritas empregadas na apresentação da Geografia de regiões, tenham não apenas valor informativo, mas também valor qualificativo como para demonstrar que os geógrafos são ao menos moderadamente literatos. Mas, além disso, eles devem reunir as bases de verdadeira qualidade científica" (20).

Alguns anos depois, tanto em 1939, como em 1946, outro norte-americano, RICHARD HARTSHORNE, sumariando conclusões, formulou também o seu pensamento, ao focalizar matéria imediatamente correlata:

"... a Geografia aceita as regras científicas universais de raciocínio lógico, preciso, baseado em conceitos especificamente definidos, se não metodologicamente unificados" (21).

Decorridos cerca de 50 anos depois do aparecimento de "La Valachie" de De Martonne, KIRK BRYAN, professor da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, além de insistir em que a descrição escrita deve ser bem feita, acentuou que, para o estudioso,

"a "descrição clara, explanatória", sobreviverá. Sua função é lógica e insubstituível. Sua utilidade é, contudo, depreciada aos ouvidos dos ignorantes ou dos intelectuais negligentes" (22).

(19) BOWMAN (Isalah), *Geography in relation to the Social Sciences*, pág. 116.

(20) FINCH (Vernor C.), *Written structures for presenting the Geography of Regions*, em "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XXIV, n.º 2, pág. 113.

(21) HARTSHORNE (Richard), *Op. cit.*, pág. 680.

(22) BRYAN (Kirk), *O lugar da Geomorfologia nas Ciências Geográficas*, em "Boletim Geografico", pág. 312.

Após aduzir algumas breves considerações a respeito, assim prosseguiu o cientista de Harvard:

"A habilidade do geógrafo bem treinado devia levá-lo a concisão e a outros recursos literários pelos quais a base de seu estudo poderia ser evidenciada, sem contudo prejudicar a clareza do tema. Em tal julgamento e em tal habilidade literária, o geógrafo devia ser iniciado pelas escolas de Geografia e pelo exemplo dos seus antecessores" (23).

Há, portanto, uma clara e persistente pregação de rumos e normas a seguir. O próprio MORRIS DAVIS, num outro, dentre os seus judiciosos trabalhos de orientação e crítica, já martelava em 1924:

"Todos esses diferentes aspectos da Geografia, com seus característicos métodos de tratamento, culminam na descrição regional. Esta é o "goal" do esforço geográfico. O geógrafo bem treinado deveria ter sob seu comando todos esses aspectos de sua matéria e todos os métodos de tratamento" (24).

Recentemente, em "Presidential address", tratando do conceito regional, PRESTON JAMES escreveu, em 1952:

"Somos forçados a tentar a transmissão de nossas idéias através de cuidadosa definição de nossos símbolos, quer pelos métodos da lógica, quer por descrição das operações. O autor procurará estabelecer em termos lógicos o que ele entende por "conceito regional"; e, então, procederá a uma discussão do que ele faria para identificar uma região, e o que com ela faria depois de haver sido definida" (25).

Também entre nós o assunto não deixou de ser considerado. Em 1925, bem assim em 1944, DELGADO DE CARVALHO mostrou em que consistia uma boa descrição geográfica (26). E, seguindo as pegadas da Escola Francêsa, FRANCIS RUELLAN, a quem tanto deve a Geografia no Brasil, chegou mesmo a publicar, em 1943, as suas conhecidas "Normas da elaboração e da redação de um trabalho geográfico", dedicando toda uma parte às regras a seguir nos estudos de geografia regional (27).

Em conclusão, no que tange aos estudos de Geografia Regional, sabe-se que, neles, a *descrição* figura em primeiro lugar. Mas

(23) BRYAN (Kirk), *Op. cit.*, pág. 312.

(24) DAVIS (W.M.), *The progress of geography in the United States*, em "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XIV, n.º 4, pág. 214.

(25) JAMES (Preston), *Toward a further understanding of the regional concept*, em "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XLII, n.º 3, pág. 196.

(26) CARVALHO (Delgado de), *Metodologia do ensino geográfico e A exposição geográfica*.

(27) RUELLAN (Francis), *As normas de elaboração e da redação de um trabalho geográfico*, em "Revista Brasileira de Geografia", Ano V, n.º 4.

tendo em vista que esta descrição não se opera "segundo os métodos ou os meios de um Chateaubriand ou de um escritor de romance regionalista", seria desejável, então, por todos os títulos, que nas Faculdades, e fora delas, os futuros autores tomassem como modelos de constantes leituras e reflexões, os trabalhos geográficos de renomados especialistas, em cujo rol, pela arte que soube imprimir às suas magníficas descrições, sem prejuízo para a ciência e a filosofia, figura VIDAL DE LA BLACHE como incontestável e grande mestre.

Condição necessária ao progresso da ciência. Distinção fundamental. O "princípio de síntese" — As citações e os exemplos escolhidos miram um incitamento, bem assim um incentivo, a muitos autores que, por qualquer motivo, conhecido ou não, têm se aventurado a publicar trabalhos desrespeitando completamente as normas, os fundamentos e a beleza de uma disciplina que, embora jovem como ciência, está destinada a se impôr cada vez mais no concêrto dos sábios e, no campo das profissões, a figurar como um ramo de conhecimentos, imprescindível à compreensão do mundo racionalmente organizado, de modo, como escreveu CHOLLEY, a conter "mais humanidade e uma humanidade usufruindo de um nível de vida superior. O mundo em suma, (como êle disse), reduzido, por inteiro, à escala do homem, e enriquecido de todos os aperfeiçoamentos devidos ao seu espírito de organização e aos progressos de sua técnica" (28).

Mas para que a Geografia possa progredir como ciência é indispensável que os que a praticam, como profissionais ou simples amadores, não lhe abandonem o *método*. Do ponto de vista da pesquisa, a Geografia é uma ciência de observação e seu método é, portanto, o indutivo. Ela não despreza, porém, as vantagens do método dedutivo; tampouco afasta as possibilidades de contrôlo oferecido pelo método experimental. Entretanto, do ponto de vista do estudo, isto é, dos conhecimentos adquiridos à custa de tais métodos e do apuro na apresentação dos resultados, ela se vale da *descrição* como sucede com tôdas as ciências, naturais e históricas. Se a descrição em Geografia é básica para as *comparações*, ela não é menos necessária para uma *classificação* científica. É através da descrição que se verifica como foi feita a análise dos aspectos particulares dos fatos e a sua correspondência ao ambiente; e é, ainda, por meio dela, que se chega a ter uma idéia sobre as analogias e os contrastes oferecidos por condições diversas de situação e área.

(28) CHOLLEY (André), *Géographie et Sociologie*, em "Cahiers Internationaux de Sociologie", Première Série, Cinquième Cahier, pág. 16. Paris, 1948.

Dessa maneira, pela *comparação*, é possível obter-se tôda uma série de caracteres suficientes para a *classificação* dos conjuntos espaciais integrais existentes na superfície do globo, cujo estudo cabe à Geografia fazer, na sua categoria de ciência. Geografia tomada no sentido integral, com G maiúsculo; ou "Geografia sem adjetivo", na original expressão de UMBERTO TOSCHI (29).

Razão teve, há muito, CÓSIMO BERTACCHI, quando, em 1904, afirmou que a Geografia é ciência de localização quanto ao método, sendo, entretanto, uma ciência de coordenação pelo sistema (30). Essa concepção levou TONIOLO a frisar, em 1947, ter sido Bertacchi quem "mais claramente distinguiu na Geografia o *método* de localização, do *sistema* de coordenação dos fatos distribuídos, evidenciando a sua real coexistência sobre a superfície terrestre: função bem diversa daquela dos fatos estudados isoladamente pelas ciências particulares" (31).

Refutando a idéia de que a Geografia possa ser simplesmente definida como "ciência descritiva da Terra", ANTONIO RENATO TONIOLO, em seu livro de 1947, escrito com a colaboração de ROBERTO ALMAGIÁ, ELIO MIGLIORINI, GIUSEPPE NANGERONI e ALDO SESTINI, efetivamente mostrou que uma possível confusão poderia ser estabelecida "entre o meio de estudo em que se baseia a nossa pesquisa, e o seu último remate, eminentemente sintético, que é "o estudo da associação dos fenômenos"; isto é, a determinação da forma organizada de interdependência dos fatos distribuídos sobre o Globo, em relação com um determinado ambiente natural e humano" (32).

De fato, em qualquer momento do estudo geográfico, os fenômenos oferecidos à observação geográfica não são estudados em si e por si. O que a Geografia estuda é a distribuição espacial desses fenômenos; não as causas, os efeitos, a interdependência dos fenômenos, mas — bem advertiu TOSCHI —, "as causas, os efeitos, a interdependência da distribuição dos fenômenos" (33). E exemplificou:

" Não é estudo geográfico, por exemplo, o estudo da planta, mas o da distribuição espacial da planta; não o estudo da economia da indústria, mas o da localização da indústria" (34).

(29) TOSCHI (Umberto), Op. cit., pág. 13.

(30) BERTACCHI (Cósimo), *Nuovo Dizionario Geografico Universal*.

(31) TONIOLO (Antonio Renato), *Definizione, oggetto, metodo della geografia attuale*, em ALMAGIÁ (R.) e outros - "Introduzione allo studio della geografia", pág. 61.

(32) TONIOLO (Antonio Renato), Op. cit., pág. 63.

(33) TOSCHI (Umberto), Op. cit., pág. 13.

(34) TOSCHI (Umberto), Op. cit., pág. 13.

Do exposto se infere que, das ciências particulares, que estudam os fenômenos que lhes são específicos, a Geografia extrai os dados úteis às suas próprias construções; seleciona esses dados; confronta-os à luz do seu sistema peculiar ou à vista dos resultados a que sucessivamente chegou em função do emprêgo do seu método próprio de pesquisas; sujeita-os, finalmente, a uma crítica rigorosa, tendo em foco determinados fins. Após a escolha dos dados selecionados antes, a Geografia constrói, enfim, a *síntese* particular, que, segundo as palavras textuais de Toschi, "é o supremo processo da sua reconstrução científica da realidade e que lhe imprime o cunho de uma originalidade, pela qual se afirma o seu direito de autonomia no conjunto das ciências: a *síntese geográfica*" (35).

Advertência de uma plêiade de sábios. Algumas sugestões à guisa de contribuição amistosa — Em 1938, um grupo de onze professores da Universidade de Rochester, fazendo uma prospecção das ciências naturais tal como foram ensinadas e cultivadas no último decênio anterior ao referido ano, escreveram palavras que pesam como estímulo e uma advertência aos neófitos da profissão e aos amadores negligentes.

Com efeito, WATKEYS, ALLING, BERRY, DAGGS, FAIRBANKS, HELMKAMP, HOFFMEISTER, STERN, TITSLER, VAN DE WALLE e WILKINS sintetizaram no prefácio de sua obra:

"O que a maioria das pessoas precisa não é de uma grande massa de conhecimentos, mas sim adquirir a compreensão de alguns princípios relativamente simples e que são a base dos vários ramos da ciência. Antes de poder apreciar a ciência como um todo, deve saber algo da sua história e do desenvolvimento dos princípios do raciocínio e do método científico, por meio dos quais ela pode alcançar o seu desenvolvimento atual, e que a guiarão no futuro".

"Os progressos na ciência são possíveis por meio do desenvolvimento do método científico, o mais poderoso processo de raciocínio de que já lançou mão o homem. Foram precisos séculos para aperfeiçoar o método analítico de ataque aos mistérios das coisas animadas e inanimadas; hoje, esse método de raciocínio não somente domina o campo científico, mas está se estendendo em todos os outros campos, como, por exemplo, nos estudos dos fenômenos sociais e da filosofia que o homem construiu para explicar o universo". (36)

No caso da moderna produção geográfica brasileira, as pesquisas ou investigações feitas no campo, mais sob o império de técnicas modernas do que mesmo em obediência ao espírito e método

(35) TOSCHI (Umberto), Op. cit., pág. 13.

(36) WATKEYS (C.W.) e outros, *Uma orientação científica*, pág. VII.

geográficos, não deixam de ser elogiáveis. Mas é forçoso reconhecer e proclamar, com tôdas as forças, que geógrafos e professores andam, às vezes, se esquecendo de que a Geografia é uma ciência molar e não molecular, embora possam as ciências moleculares contribuir com seus materiais para o esforço da Geografia em prol ou em busca da inteligência geral dos conjuntos reais concretos de que se constitui o Mundo na sua superfície. De fato, segundo esclarece VALLAUX, a observação de agrupamento, tal como a Geografia a considera, deve reunir, para ser eficaz, afóra os materiais extraídos das ciências moleculares, também aqueles outros propriamente geográficos, isto é, os obtidos através da aplicação direta do método geográfico específico (37). Isto não quer dizer, porém, que se venha a enveredar, como infelizmente tem acontecido, pelos caminhos tortuosos das pesquisas de pormenores quase sempre situados fora do verdadeiro escôpo da Geografia e que não conduzem à compreensão da *unidade geográfica* a qual, tanto em VON RICHTHOFEN como em RATZEL, tanto em BERTACCHI como em HETTNER, em LA BLACHE como em VALLAUX, em BOWMAN como em CHOLLEY, deve ser entendida no sentido da solidariedade de todos os fenômenos distribuídos sôbre a superfície do planeta. Talvez decorra dessa maneira defeituosa de geograficamente proceder, a série, já bastante grande, de micro-estudos aparecidos nos últimos anos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMAGIÀ (R.), MIGLIORINI (E.), NANGERONI (G.), SESTINI (A.) e TONIOLO (A. R.), *Introduzione allo studio della Geografia*, 283 páginas com ilustrações. Col. Orientamenti e Problemi Geografici, Dott. Carlo Marzorati Editore. Milano, 1947.
- BERTACCHI (Cósimo), *Nuovo Dizionario Geografico Universal*, Vol. I, Torino, 1904.
- BLACHE (Paul Vidal de La), *Des caractères distinctifs de la Géographie*, em "Annales de Géographie", Ano XXII, n.º 124, págs. 289 a 299. Paris, 1913.
- BOWMAN (Isaiah), *Geography in relation to the Social Sciences*, 382 páginas com ilustrações, Charles Scribner'S Sons. New-York, 1934.
- BRUNHES (Jean), *La Géographie Humaine*, 4.ª edição, 3 volumes, Librairie Felix Alcan. Paris, 1934.
- BRYAN (Kirk),
1. *The place of Geomorphology in the Geographic Sciences*, em "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XL, n.º 3, pp. 196 a 208. September, 1950.
 2. *O lugar da Geomorfologia nas Ciências Geográficas* (Tradução de Cecília Zarur), em "Boletim Geográfico", n.º 108, maio-junho, págs. 304 a 312. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1952.

(37) VALLAUX (Camille), *Op. cit.*, pág. 62.

- CARVALHO (Delgado de),
1. *Metodologia do ensino geográfico*, 220 páginas com ilustrações, Liv. Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1925.
 2. *A exposição geográfica*, em "Boletim Geográfico", n.º 19, outubro, págs. 981 a 984. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1944.
- CHOLEBY (André),
1. *Géographie et Sociologie*, em "Cahiers Internationaux de Sociologie", Première Série, Cinquième Cahier, págs. 3-20. Paris, 1948.
 2. *La Géographie — Guide de l'Étudiant*, 2.ª edição, 218 páginas com ilustrações, Presses Universitaires de France. Paris, 1951.
- DAVIS (William Morris),
1. *L'esprit explicatif dans la Géographie moderne*, em "Annales de Géographie", Ano XXI, n.º 115, págs. 1 a 19. Paris, 1912.
 2. *The progress of Geography in the United States*, em "Annals of Association of American Geographers", Vol. XIV, n.º 4, December, 1924.
 3. *O espírito explicativo na Geografia moderna* (Tradução de Graziela de Azevedo Santos, revista por José Veríssimo da Costa Pereira), em "Boletim Geográfico", n.º 24, março, págs. 1851 a 1861. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1945.
- FINCH (Vernor C.), *Written structures for presenting the Geography of Regions*, em "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XXIV, n.º 2, págs. 113 a 122. June, 1934.
- HARTSHORNE (Richard), *The Nature of Geography*, em "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XXIX, n.º 3 e 4, págs. 171 a 658, September-December, 1939.
- JAMES (Preston), *Toward a further understanding of the regional concept*, em "Annals of the Association of American Geographers", Vol. XLII, n.º 3, págs. 195 a 222. September, 1952.
- MARTONNE (Em. de),
1. *La Valachie — Essai de monographie géographique*, 387 páginas com ilustrações, Lib. A. Colin. Paris, 1902.
 2. *Traité de Géographie Physique*, Tomo I, 6.ª edição, 496 páginas com ilustrações, Lib. A. Colin. Paris, 1940.
- PFEIFER (Gottfried), *Entwicklungstendenzen in Theorie und Methode der regionalen Geographie in den Vereinigten Staaten nach dem Kriege*, em "Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin", Heft 3/4, Juni, págs. 93 a 125 com ilustração. Berlin, 1938.
- RUELLAN (Francis), *As normas da elaboração e da redação de um trabalho geográfico*, em "Revista Brasileira de Geografia", Ano V, n.º 4, outubro-dezembro, págs. 559 a 572. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1943.
- SCHNASS (Franz) e RUDE (Adolf), *Enseñanza de la Geografía. Enseñanza de la Historia y Educación Cívica*, 333 páginas. Col. El Tesoro del Maestro, Ed. Labor, S. A.; Barcelona, 1937.
- SORRE (Max.), *Fondements de la Géographie Humaine*, em "Cahiers Internationaux de Sociologie", Première Série, Cinquième Cahier, págs. 21-37. Paris, 1948.
- TOSCHI (Umberto), *Corso di Geografia Economica Generale*, 637 páginas com ilustrações. Dott. Luigi Macri Editore. Firenze-Bari, 1948.
- VALLAUX (Camille), *Les Sciences Géographiques*, nouvelle édition, 413 páginas. Librairie Felix Alcan. Paris, 1929.
- WATKEYS (C. W.) e outros, *Uma orientação científica* (Tradução de E. L. Berlinck e Olímpio Carr Ribeiro), Primeira edição brasileira, 631 páginas com ilustrações. Editora Edané. São Paulo, 1946.